

# Peiter, Peter e Peer

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

É incrível tudo o que as crianças sabem hoje em dia! Já quase não se sabe o que elas não sabem. Que a cegonha as foi buscar no poço ou no açude do moinho e as levou pequeninas ao pai e à mãe é uma história tão velha que elas não acreditam nela, e, no entanto, é a única verdadeira.

Mas como os pequeninos vão parar no açude do moinho e no poço? Isso nem todo mundo sabe, mas alguns sabem, sim.

Você já observou bem o céu numa noite estrelada, já viu tantas estrelas cadentes? É como se uma estrela caísse e desaparecesse! Os mais sábios não podem explicar o que eles próprios não sabem; mas é possível explicar, quando se sabe. É como se uma velinha de Natal caísse do céu e se apagasse; é uma centelha de alma vinda de Nosso Senhor, que desce para a Terra, e, ao entrar em nosso ar mais denso e pesado, perde o brilho. Resta apenas aquilo que nossos olhos não conseguem ver, pois é algo muito mais delicado que o nosso ar: é uma criança do céu que é enviada, um anjinho, mas sem asas, pois o pequenino há de se tornar gente. Desliza silenciosamente pelo ar, e o vento o leva a uma flor, que pode ser uma violeta-da-noite, um dente-de-leão dos diabos, uma rosa ou uma viscária; ali ele fica se refazendo. É tão leve e aéreo que uma mosca pode voar com ele, quanto mais uma abelha; e elas vêm, uma de cada vez, procurar a doçura na flor. Se a criança do ar estiver no caminho delas, não a chutam para fora, não têm coragem: põem-na ao sol numa folha de nenúfar, e dali ela se arrasta e engatinha para a água, onde dorme e cresce até a cegonha poder vê-la e levá-la a uma família humana que deseja um

pequenino querido. Mas ser querido ou não depende de o pequenino ter bebido da fonte límpida ou de lama e lentilha-d'água lhe terem entrado pelo caminho errado; isso o torna tão terreno. A cegonha pega, sem escolher, o primeiro que vê. Um vai para uma boa casa, para pais incomparáveis; outro vai para gente dura, em grande miséria: teria sido muito melhor ficar no açude do moinho.

Os pequeninos não se lembram de nada do que sonharam debaixo da folha de nenúfar, onde, à noite, as rãs cantavam para eles: “Coax, coax! Já, já!”, o que na língua dos homens significa: “Vamos ver se agora vocês conseguem dormir e sonhar!” Também não se lembram da flor em que primeiro ficaram, nem de como ela cheirava, e, no entanto, há alguma coisa neles que, quando se tornam adultos, diz: “É desta flor que mais gostamos!” E é aquela em que ficaram como crianças do ar.

A cegonha é uma ave que chega a ficar muito velha e sempre presta atenção ao que acontece com os pequeninos que trouxe e a como eles se comportam no mundo. É verdade que não pode fazer nada por eles nem mudar suas condições de vida, pois tem sua própria família para sustentar, mas nunca deixa de pensar neles.

Conheço uma cegonha velha e muito respeitável, que possui grandes conhecimentos, já foi buscar muitos pequeninos e sabe a história deles, em que sempre há um pouco de lama e lentilha-d'água do açude do moinho. Pedi-lhe que contasse uma pequena biografia de um deles, e ela disse que eu receberia três pelo preço de uma, da casa dos Peitersen.

Era uma família muito distinta, a dos Peitersen. O marido era um dos Trinta e Dois Homens da cidade, e isso era uma distinção; vivia para os Trinta e Dois e andava pelos trinta e dois. A cegonha chegou e trouxe um pequeno Peiter; foi

assim que chamaram a criança. No ano seguinte, a cegonha voltou com mais um, a quem chamaram Peter; e, quando trouxe o terceiro, ele recebeu o nome de Peer, pois nos nomes Peiter-Peter-Peer está contido o nome Peitersen.

Eram, portanto, três irmãos, três estrelas cadentes, cada qual embalada em sua flor, posta debaixo da folha de nenúfar no açude do moinho e dali levada pela cegonha à família Peitersen, cuja casa fica naquela esquina que você bem conhece.

Cresceram de corpo e pensamento e quiseram ser algo ainda maior que os Trinta e Dois Homens.

Peiter dizia que queria ser salteador. Tinha visto a comédia de “Fra Diavolo” e escolhido o ofício de salteador como a coisa mais encantadora do mundo.

Peter queria ser lixeiro, e Peer, um menino tão querido e tão bem-comportado, gorducho e redondo, mas que roía as unhas — esse era seu único defeito —, Peer queria ser “papai”. Era isso que cada um dizia quando lhes perguntavam o que queriam ser no mundo.

E então foram para a escola. Um ficou em primeiro lugar, outro em último e outro no meio; mas nem por isso deixavam de poder ser igualmente bons e igualmente inteligentes, e eram mesmo, diziam seus pais tão perspicazes.

Iam a bailes infantis; fumavam charutos quando ninguém estava olhando; aumentavam seus conhecimentos e suas relações.

Peiter era briguento desde pequeno, como deve ser um salteador. Era um menino muito malcriado, mas a mãe dizia que isso vinha dos vermes de que sofria; crianças malcriadas sempre têm vermes: lama na barriga. Certo dia, sua teimosia e suas brigas recaíram sobre o vestido novo de seda da mãe.

— Não esbarre na mesa do café, meu cordeiro de Deus! — dissera ela. — Você pode derrubar a leiteira de creme e respingar meu vestido novo de seda!

E aquele “cordeiro de Deus” pegou a leiteira com mão firme e, com mão firme, despejou o creme bem no colo da mamãe, que não pôde deixar de dizer:

— Cordeirinho! Cordeirinho! Isso não foi sensato, cordeirinho!

Mas a criança tinha vontade, ela precisava reconhecer. A vontade revela caráter, e isso é tão promissor para uma mãe.

Ele bem poderia ter se tornado salteador, mas não o foi ao pé da letra: ficou apenas com a aparência de salteador. Andava de chapéu amassado, pescoço nu e cabelos longos e soltos; devia ser artista, mas não foi além da roupa. Além disso, parecia uma malva-rosa; todas as pessoas que desenhava pareciam malvas-rosas, de tão compridas. Gostava muito daquela flor; também tinha ficado numa malva-rosa, disse a cegonha.

Peter tinha ficado num botão-de-ouro. Parecia tão amanteigado nos cantos da boca, tinha a pele amarela; era de se acreditar que, se lhe dessem um corte na bochecha, sairia manteiga. Parecia nascido para vendedor de manteiga e poderia ter servido de sua própria tabuleta, mas por dentro, lá no seu íntimo, era “lixeiro”. Era a parte musical da família Peitersen, “mas bastava por todos eles!”, diziam os vizinhos. Compôs dezessete polcas novas numa semana e as juntou numa ópera com trompete e matraca; ora, que delícia!

Peer era branco e rosado, pequeno e comum; tinha ficado numa margarida. Nunca revidava quando os outros meninos batiam nele; dizia que era o mais sensato, e o mais sensato sempre cede. Primeiro colecionava lápis de ardósia, depois selos de sinete; então arranjou um pequeno gabinete de história natural, no qual havia o esqueleto de um esgana-gata, três filhotes de rato

nascidos cegos conservados em álcool e uma toupeira empalhada. Peer tinha inclinação para a ciência e olhos para a natureza, e isso alegrava os pais e o próprio Peer. Preferia ir à floresta a ir à escola, preferia a natureza à disciplina. Seus irmãos já estavam noivos quando ele ainda vivia para completar sua coleção de ovos de aves aquáticas. Logo sabia muito mais dos animais que dos homens; chegava a achar que não conseguíamos nos elevar até o animal naquilo que mais prezamos: o amor. Via que, enquanto a senhora rouxinol chocava seus ovos, o papai rouxinol ficava cantando a noite inteira para sua esposinha: “Cluc! Cluc! Zi, zi! Lo, lo, li!” Peer nunca teria conseguido fazer aquilo ou se entregar àquilo. Quando a mamãe cegonha ficava com os filhotes no ninho, o papai cegonha passava a noite inteira numa perna só na cumeeira; Peer não teria conseguido ficar assim nem uma hora. E, um dia, ao observar a teia de aranha e o que havia nela, desistiu por completo do casamento. O senhor aranha tece para apanhar moscas imprudentes, novas e velhas, cheias de sangue e ressequidas; vive para tecer e sustentar sua família, mas a senhora aranha vive única e exclusivamente para o maridinho. Devora-o de puro amor, come seu coração, sua cabeça, sua barriga; só ficam as pernas compridas e finas na teia, onde ele se sentava, preocupado com o sustento da família inteira. É a pura verdade, tirada diretamente da história natural. Peer viu aquilo e pensou: “Ser amado assim pela esposa, ser devorado por ela num amor violento! Não! Nenhum ser humano chega a tanto; e seria desejável?”

Peer decidiu nunca se casar! Nunca dar nem receber um beijo, pois isso poderia parecer o primeiro passo para o casamento. Mas recebeu um beijo, sim, aquele que todos recebemos: o grande beijão estalado da Morte. Quando já vivemos o bastante, a Morte recebe a ordem: “Beije e leve!” E a pessoa se foi. De Nosso Senhor vem um clarão de sol, tão forte que a vista escurece; a alma humana, que veio como estrela cadente, torna a voar como estrela

cadente, mas não para descansar numa flor ou sonhar debaixo de uma folha de nenúfar. Tem coisas mais importantes a fazer: voa para a grande terra da eternidade. Mas ninguém sabia dizer como é lá, nem que aspecto tem. Ninguém olhou lá para dentro, nem mesmo a cegonha, por mais longe que enxergue e por mais que saiba. Ela também não sabia mais coisa alguma a respeito de Peer; sabia, porém, de Peiter e Peter, mas eu já tinha ouvido o bastante sobre eles, e você também deve ter ouvido. Então agradei à cegonha por aquela vez; mas agora ela exige, por esta pequena história tão comum, três rãs e um filhote de cobra-de-água: cobra em alimentos. Você quer pagar? Eu não quero! Não tenho rãs nem filhotes de cobra-de-água.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/peiter-peter-e-peer>